

# REVISANDO EDIÇÕES CRÍTICAS DE ÁLVARO DE CAMPOS: O CASO DE *TABACARIA*

Helena de Madureira Marques<sup>1</sup>  
Letras – Português - Universidade de São Paulo  
FFLCH - USP

## RESUMO

O trabalho aqui proposto procura fazer uma comparação das publicações e edições do poema *Tabacaria* a partir dos três testemunhos presentes no Espólio de Fernando Pessoa. Abordaremos edições de três grupos de editores: a Equipa Pessoa, encabeçada por Ivo Castro e Cleonice Berardinelli; Teresa Rita Lopes; e Jerónimo Pizarro e Antonio Cardillo. A metodologia utilizada é comparativa, tendo-se em vista que temos acesso aos testemunhos de Pessoa e das edições desses três grupos, a partir das quais pretendemos comparar o método editorial de cada um deles, destacando suas influências e diferenças. Para tal, utilizaremos como exemplo o caso específico do poema *Tabacaria*, a fim de destacar as diferenças editoriais das publicações do poema de Álvaro de Campos. Temos como resultado um contraste entre métodos que destaca a divergência de critérios de edição do poema, de forma que conseguimos comparar as linhas metodológicas dos editores e evidenciar a escolha de cada um a respeito da forma como publicar o poema, notando-se suas perspectivas e critérios quanto ao método editorial mais adequado em cada caso para *Tabacaria*.

**Palavras chave:** Filologia, Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Edição crítica.

## REVISING CRITICAL EDITIONS OF ÁLVARO DE CAMPOS: THE CASE OF *TABACARIA*

### ABSTRACT

The work presented here seeks to compare the publications and editions of the  
1- Helena de Madureira Marques é formada em Letras – Português pela Universidade de São Paulo e é professora particular de inglês, tendo contado com bolsa universitária PUB-ICB pela USP em interlinguagens entre ciências e artes. Pesquisou acerca do orientalismo latino-americano, tendo publicado TGI sob orientação de Idalia Morejón Arnaiz. Concluiu pesquisa filológica sob orientação de Phablo Fachin acerca de carta de Sebastião José de Carvalho e Mello no Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

poem *Tabacaria* from three testimonies present in Fernando Pessoa's *Espólio*. We try to discuss editions from three groups of editors: the *Equipa Pessoa*, headed by Ivo Castro and Cleonice Berardinelli; Teresa Rita Lopes; and Jerónimo Pizarro and Antonio Cardillo. The methodology used is comparative, considering that we have access to the testimonies of Pessoa and the editions of these three groups, from which we intend to compare the editorial method of each one of them, highlighting their influences and differences. To do so, we will use the specific case of the poem *Tabacaria* as an example, in order to highlight the editorial differences in the publications of the poem by Álvaro de Campos. We have as a result a contrast between methods that highlights the divergence of criteria for editing the poem, so that we were able to compare the methodological lines of the editors and highlight the choice of each one regarding how to publish the poem, noting their perspectives and criteria on the most appropriate editorial method in each case for *Tabacaria*.

**Keywords:** Philology, Fernando Pessoa, Álvaro de Campos, Critical edition.

## 1. Introdução

### 1.1 Sobre a escolha do tema

Em filologia, muitas vezes, o pesquisador tem exclusivamente acesso a uma obra em forma de testemunho, sem que seja possível consultar de qualquer forma o autor da obra. Sendo assim, está o filólogo sujeito a fazer uma edição que, por mais que sejam seguidos todos os protocolos de análise e edição do testemunho, é passível de divergências daquelas originárias do autor. É um problema historiográfico, natural do fato de que cada filólogo, como pesquisador, depende também de sua prática e conhecimentos adjacentes para que a interpretação de um testemunho seja feita de uma forma específica. O caso das edições de obras de Fernando Pessoa, por exemplo, é desses em que se tem acesso aos escritos, mas não ao autor. Há ainda especialistas em literatura portuguesa que passam toda a vida dissecando e esmiuçando os menores detalhes dos registros pessoais a fim de tentar compreender sob hipóteses quais são os limites estilísticos, métricos e temáticos que separam os heterônimos de Pessoa, como é o caso da pesquisa de Fernando Cabral Martins<sup>2</sup>. Evidentemente, em se tratando de pesquisas contemporâneas acerca de Pessoa, os estudos são baseados em teses e hipóteses acerca da obra em si, já que é inacessível o autor em vida. A filologia se propõe claramente a tratar do texto, e não do autor, e por isso a relação da obra com aquele que a escreveu pode parecer algo alheio à filologia, ainda que essa relação possa favorecer a

2- MARTINS, F. C. Introdução ao Estudo de Fernando Pessoa. Cotia, SP: Ateliê Editora, 2017. 264 p

interpretação do manuscrito e assim facilitar o processo de edição.

É a partir daí que se engaja com o estudo da obra de Pessoa: quanto se entende fidedignamente sobre o autor e o quanto é modificado por mãos alheias? Quais são os elementos e critérios dos filólogos que permitem determinar um poema como sendo de Álvaro de Campos ou de Alberto Caeiro? Há qualquer divergência nesse critério?

São questões como essas que motivaram o surgimento dessa pesquisa. Hoje, na filologia e nos estudos literários portugueses, contamos com uma profusão de especialistas em Pessoa, que dedicaram parte importante de sua trajetória acadêmica à sua obra – seja como material filológico, seja como obra literária. No entanto, parece existir um conflito entre alguns pesquisadores acerca da fidedignidade do método filológico utilizado nas edições contemporâneas do autor.

Ivo Castro, Cleonice Berardinelli, Teresa Rita Lopes, Jerónimo Pizarro, Antonio Cardillo e Fernando Cabral Martins são alguns dos principais nomes que despontam nas pesquisas como responsáveis por trazer os poemas dos Espólios às livrarias. São, então, aqueles que tomam como principal ofício o cuidado particular que se deve ter ao editar Pessoa - autor de tão única natureza poética, com seus muitos heterônimos.

Porém esses estudiosos (não digo filólogos por nem todos o são) parecem ainda não entrar em acordo com diversos critérios de edição das obras dos poetas que compreende Pessoa. São muitas as divergências a respeito das técnicas – e não apenas – utilizadas nessa transformação do material bruto dos testemunhos até a obra impressa. Ou seja, toda a compreensão popular que se tem do autor é fruto de uma obra que foi publicada através de processos filológicos questionáveis por determinados pesquisadores da obra do poeta. Ler Pessoa hoje é, sem dúvida, ser conduzido por uma mão ou por outra a fim de entender a totalidade de cada heterônimo por maneiras distintas a depender do editor.

## **1.2. O problema das edições**

A filologia, por ser essencialmente preparada para tratar a editoração e a transcrição de textos testemunhais, se torna imprescindível no caso das obras pessoanas. O estudo filológico sob o método da crítica textual parece estar estruturado de tal forma a possibilitar a compreensão do texto na sua totalidade, sempre dotado de aparato científico, e assim destaca a obra a fim de que se possa compreender modificações ao longo do tempo e das edições. Justamente por isso, o filólogo encara tarefa complicada por dever ter tamanho rigor técnico, procurando preservar, enfim, a obra como produto do tempo e de

alterações – seja de editores, do autor, ou até mesmo de possíveis intempéries e danos.

É papel do filólogo examinar cuidadosamente os testemunhos e classificá-los em ordem de derivação, delimitando as alterações do autor no decorrer do processo criativo, o que configura a essência do aparato genético. A partir daí se extrai o testemunho de base, e há para isso muitos diferentes critérios. A edição crítica de qualquer obra, por excelência, deve deixar evidente esses processos e assim possibilitar um entendimento, seja do curioso ou do pesquisador, do caminho que a obra levou ao longo do tempo e das edições para chegar ao que é hoje e como é compreendida. São muitas as formas e técnicas que o editor pode adotar durante esse processo, e cada um desses métodos pode levar a edição final a amparar melhor alguns vieses do que outros, e isso faz com que cada edição crítica seja única, a variar de acordo com o filólogo responsável pela edição.

Teresa Rita Lopes, portuguesa, referência no estudo de Pessoa e licenciada em Filologia Românica, escreve ao longo de sua vida literária incontáveis análises acerca dos poetas heterônimos do autor, e em entrevista destaca a rejeição ao método proposto nas edições críticas, enfatizando que não acredita que pela filologia possa haver forma correta ou adequada de se editar o artista.

(...) não sou filóloga e aborreço-me aquelas edições críticas, que são muito chatas, com muitas notas de rodapé. Gosto de fazer edições muito mais depuradas e que deem prazer ler. E foi então designado esse senhor, Ivo Castro, que é filólogo e professor na Universidade de Letras. Só que o homem é medievalista, de Pessoa não percebe patavina, e escreveu um livro em que diz que para se fazer uma edição crítica de Pessoa é preciso não perceber nada de Pessoa. (LOPES, 2016, s/p)

A partir disso pode-se perceber então que há ainda um desacordo entre dois núcleos de estudo, ambos de suma importância, no que diz respeito à edição de Fernando Pessoa. Sem dúvidas, pelo histórico acadêmico e relevância dos pesquisadores nesse ofício envolvidos, não é suficiente rejeitar um dos lados como se lhe faltasse embasamento, e isso torna o debate ainda mais rico, uma vez que toda a compreensão que se tem de Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Fernando Pessoa está sendo debatida entre especialistas por conta da edição das obras poéticas e do aparato específico escolhido para fundamentar as edições.

A divergência entre Teresa Rita Lopes e a Equipa Pessoa, encabeçada por Ivo Castro, parece ser produtiva para discutirmos o papel da filologia em conjunto – ou oposição – ao estudo literário e específico do autor. Entrar em contato com o diálogo desses pesquisadores nos abre os olhos para uma leitura nova, que não é nem inteiramente filológica, nem inteiramente literária: Pessoa como o conhecemos não se limita a um, ou a três heterônimos, e sim a tantas versões de cada um deles, a depender da obra e de como foi editada.

## 2. Contexto e método

Aqui não temos como proposta fazer uma análise de todas as edições críticas da obra pessoana. Seria extensa a pesquisa que procura delimitar diferenças entre todos os pesquisadores engajados à obra de Pessoa e seus estilos e critérios de edição, e por isso aqui o objetivo não é analisar a obra de todos os heterônimos, mas de um em específico: Álvaro de Campos. Mesmo assim, é ainda um dos heterônimos com maior obra poética, o que também transformaria, caso fosse o objetivo analisarmos sua obra completa, essa pesquisa numa dissertação que requer muito mais tempo e trabalho do que um artigo, que é o que essa pesquisa à qual nos debruçamos se propõe a ser. Portanto, não se podendo analisar aqui toda a obra, empenhamo-nos no caso apenas de *Tabacaria*, não por relevância artística ou por complexidade, mas por ser um bom caso para explicitar a diferença de tratamento dos três testemunhos que se conhece da obra pelos maiores estudiosos e críticos de Pessoa.

*Tabacaria*, diferentemente de outros poemas manuscritos, foi datilografado pelo autor duas vezes e enfim publicado em vida na revista *Presença* de nº39. Sendo assim, tem-se uma noção do processo do autor ao compor essa obra e como aceitou ou escolheu que fosse publicado. Tendo-se esses três testemunhos e ainda analisando como aparece *Tabacaria* nas edições mais reconhecidas hoje em dia pode-se avaliar qual a postura técnica de seus mais reconhecidos editores.

Em termos de método e técnica pode-se delimitar, a fim de compreender com distanciamento os discursos e hipóteses acerca do autor, ao mínimo três grupos de editores que ao longo do tempo conversam no tocante ao tratamento da obra de Campos.

A Equipa Pessoa, de método majoritariamente filológico, seria o primeiro desses grupos, do qual participa como principal referência o professor Ivo Castro, que em tanto conduz pesquisas acerca dos Espólios pessoanos e coordenou as primeiras edições críticas de Álvaro de Campos. Com ele trabalha ainda Cleonice Berardinelli, que tem papel fundamental nas edições

críticas da Equipa Pessoa, e que tanto analisou os testemunhos originais na Biblioteca Nacional de Lisboa a fim de enveredar pesquisa para as edições críticas que escreveu.

Já Teresa Rita Lopes, como mencionado anteriormente, rejeita fortemente o método da crítica textual como forma efetiva de se editar Campos. A autora, que também possui trabalho extremamente dedicado a Pessoa, teve acesso direto aos Espólios do autor e possui como principal característica a tentativa de ressignificação de Pessoa e seus heterônimos como autores distintos, tendo cada um em suas peculiaridades, períodos decisivos, falhas, exigências e complexidades. Lopes não rejeita, embora renegue o método crítico, a necessidade e importância de se expor o processo do autor na composição de um poema em suas edições, e dessa forma sugere que possa se compreender os autores como indivíduos, e não como fórmulas ou vias pelas quais a obra foi publicada<sup>3</sup>. O que mais parece diferenciar a abordagem de Teresa Rita Lopes daquela da Equipa Pessoa são o tratamento e leitura feitos do autor ao longo do processo das edições.

O outro grupo, terceiro, seria o composto pelos editores da edição crítica mais recente de Campos: Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello. Pizarro foi aluno de Teresa Rita Lopes e posteriormente foi coordenado no processo filológico por Ivo Castro, o que torna suas produções em edição bastante plurais, tanto em termos de técnica como de postura crítica diante de Álvaro de Campos e sua obra, e mais à frente esmiuçaremos as características da edição dessa equipe.

Já com esses três grupos pode-se compreender a complexidade que traz o tratamento do poeta desde que foi proposto pela primeira vez uma edição mais completa e cuidadosa de sua obra. É imprescindível, então, para fins de compreensão maior do contexto das edições críticas, que se monte aqui uma cronologia das publicações das principais edições de *Tabacaria* e algumas de suas maiores características.:

- 1- *Vida e obra do engenheiro*, de Teresa Rita Lopes. 1990
- 2- *Poemas de Álvaro de Campos*, editado por Cleonice Berardinelli. Edição Crítica. Série Maior. 1990
- 3- *Poemas de Álvaro de Campos*, editado por Cleonice Berardinelli. Edição Crítica. Série Menor. 1992
- 4- *Livro de versos*, de Teresa Rita Lopes. 1993
- 5- *Poemas de Álvaro de Campos*, editado por Cleonice Berardinelli. Edição crítica. Adaptação para edições brasileiras. 1999

---

3- LOPES, Teresa Rita. In.: CAMPOS, Álvaro de. *Livro de Versos*. Editado por Teresa Rita Lopes. 1ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.

6- *Obra Completa - Álvaro de Campos*, editado por Jerónimo Pizarro e Antonio Cardillo. Edição crítica. 2014

Das citadas fontes nesse artigo só se teve acesso aos livros numerados nos itens 4, 5 e 6. No entanto, isso não parece impossibilitar a breve pesquisa que aqui se propõe, e justifico.

A Série Maior, numerada no item 2, foi a primeira edição crítica que se conhece de Álvaro de Campos, tendo antes dela apenas edições populares que tornaram acessível ao grande público a maior parte da obra de Campos. Constituída de aparato genético e crítico, foi conduzida pela Equipa Pessoa e pretende seguir pressupostos critérios filológicos de pesquisa e assimilação do texto. Sendo então uma obra bastante completa e detalhada adaptaram-na à forma da Série Menor, na qual não existe detalhamento sobre o método, tampouco menção às diferenças entre testemunhos. Justifica-se que a Série Menor pretendia trazer ao público geral de forma mais acessível aquilo que foi compreendido ao longo da Série Maior, sem detalhamento do processo filológico ou do aparato genético.

Tendo-se acesso a apenas um exemplar já editado da Série Menor, como é o caso aqui, é possível que se saiba qual foi produto final da pesquisa da Série Maior, e, portanto, que o que se apresenta nessa edição mais recente foi feito a partir de um rigor técnico, embora não se saiba sobre os critérios e métodos usados para que a edição seja apresentada tal como é.

Mais tarde a Equipa Pessoa publica a mesma Série Menor em versão adaptada ao público brasileiro, e assim mais ainda não se conhece sobre o método e técnica filológicos, apenas sendo acessível o produto final de uma pesquisa que permanece oculta, apenas presente na Série Maior. Nessa edição também dizem os autores atualizarem a ortografia dos textos para uma atual, a fim de tornar a obra mais acessível. Portanto, conhecendo da Equipa Pessoa apenas esse exemplar, nessa pesquisa não pretendemos formular hipóteses a respeito dos critérios dos editores, uma vez que isso só está explicitado em edição não acessível nesse contexto. Porém, tendo-se acesso ao texto como preferiram disponibilizar nessa edição mais recente sabemos já algo sobre o trabalho dos editores e suas preferências.

Os livros de Teresa Rita Lopes, por outro lado, são dois. O primeiro, *Vida e obras do engenheiro*, surge pouco antes da primeira publicação da Série Maior, tendo então sido feito ainda sem se conhecer a versão crítica-filológica pela Equipa Pessoa. Já o *Livro de versos* foi escrito sob a motivação de contemplar maiores questões que a Equipa Pessoa não tratou ou tratou equivocadamente, e ainda criticar o método escolhido pelos editores ao

construir a edição crítica. Para conhecer mais detalhadamente a postura de Lopes diante do método filológico vale buscar a *Introdução* do mesmo livro, que em muito a autora detalha seu repúdio e rejeição às falhas da Equipa Pessoa com críticas justificadas. Sendo a edição do *Livro de Versos* a mais recente e atual da autora é a mais adequada para que se verifique sua técnica e postura diante do conflito travado contra os métodos da Equipa Pessoa, e basta isso para que se efetive essa pesquisa.

Já a edição mais recente de todas, de Pizarro e Cardiello, possui aparato crítico explícito. É a única já publicada por esses editores e há ainda um trabalho cuidadoso que compara os muitos testemunhos de cada texto ou poema, além de haver fotografias dos testemunhos que constam no Espólio pessoano, sendo então adequado para análise de método e técnica filológicos.

Tendo já detalhado cada obra que se acessou para essa pesquisa e os motivos de apenas as três últimas serem suficientes damos então início finalmente à análise do material de cada edição.

### **3. Do material – seleção e análise**

Os testemunhos conhecidos de *Tabacaria*, de Álvaro de Campos, são três: dois datiloscritos com emendas autógrafas manuscritas e um último não-autógrafo impresso sob autorização do autor na revista *Presença* (vide anexo). Os dois primeiros são de 1928 e a publicação em revista se deu 1933. A mais acessível ao público e considerada tanto ortográfica como estruturalmente é a da *Presença*, principalmente por livros que buscam encontrar uma versão mais próxima do autor sem que se precise recorrer às variações e rasuras do processo de criação. É a última em vida do autor, autorizada, já impressa de forma tipográfica, o que facilita que não haja divergências quanto a compreensão do poema por quaisquer más leituras da caligrafia do autor.

Qualquer edição crítica, por excelência, deve procurar reconstruir todo o processo do autor até que seja eleito o testemunho base por critério do editor. Curiosamente, dois dos três grupos que tratam da obra de Álvaro de Campos que aqui citamos escolheram tratar também a versão da revista *Presença* como a principal, e apenas a última e mais recente edição crítica, de Pizarro e Cardiello apresenta impresso o testemunho transcrito diretamente dos autógrafos.

A escolha de cada autor por um testemunho diferente como base pode já indicar o método utilizado por cada um dos grupos. A Equipa Pessoa, na edição mais recente brasileira, ao selecionar o testemunho da revista *Presença*, de 1933, sem notas ou evidências que remontem aos testemunhos anteriores, parecem estar seguindo um método não genético, principalmente porque não

procuram retratar o processo do autor como foco principal, e sim optam por publicar a versão mais moderna escolhida ainda em vida pelo autor, o que é típico do método crítico-genético. No entanto, deve-se levar em consideração que, o testemunho referente à revista *Presença* pode já ter sido produzido com edições por parte do grupo editorial da revista, e talvez não seja o mais adequado para que se tenha uma percepção completa do modo de escrita, ortografia e pontuação do autor em seu processo de criação, sendo esse talvez não o testemunho mais adequado sobre o qual se faça uma edição crítica sem ao menos indicar as variações dos originais datiloscritos.

Como o exemplar da edição crítica ao que se teve acesso aqui é o mais recente e mais reduzido dos três produzidos pela Equipa Pessoa é possível que as notas que indicam as variações e alterações do texto ao longo dos testemunhos estejam presentes apenas na Série Maior, e as outras edições posteriores não tenham o compromisso para com a necessidade de se expor o recorte genético dos testemunhos, então não é possível avaliar se há uma falha nessa edição crítica já que não se sabe se na Série Maior existe maior detalhamento de método filológico, o que muito provavelmente o tem.

Já o *Livro de Versos*, de Teresa Rita Lopes, que por sua vez não tem a pretensão de seguir preceitos técnicos da filologia, não remonta quaisquer detalhes sobre os testemunhos datiloscritos e também prefere tomar como testemunho principal o da revista *Presença*. O único momento em que a autora menciona os testemunhos originais é aquele em que, numa nota de rodapé, diz que outro título dado pelo autor ao poema era “Marcha da Derrota”, e não há quaisquer referências ou notas que indiquem reconstituição aos testemunhos datiloscritos. No entanto, como a própria autora não se reconhece como filóloga, embora conste na capa que trata-se de uma edição crítica e a autora tenha formação como tal, não é possível julgar sua obra e análise mediante o rigor do método filológico por não o ser essencialmente construído pelas bases da filologia.

O único exemplar analisado que procura determinar o processo do autor na escrita do poema delimitando minuciosamente as variações entre os testemunhos é o da edição crítica de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello. Nessa edição muito pouco se diz sobre método, aparato, visões literárias e análises da obra ou do artista. Parece ser uma edição decisiva que determina pelo método genético pontualmente cada relação entre cada testemunho encontrado do autor. Não há pretensão de reescrever um Álvaro de Campos por outras óticas, e sim redigir pontualmente aquilo que se conhece dos testemunhos levando-se em conta toda a pesquisa da Equipa Pessoa e também a de Teresa Rita Lopes. É a partir dessa edição que se pode ter acesso, por

exemplo, a fotografias dos testemunhos datiloscritos de *Tabacaria*, que ainda constam no Espólio de Pessoa e são tão menos acessíveis ao público do que reproduções do testemunho impresso na revista *Presença*.

A partir dessa relação entre as três posturas diante da obra é possível esmiuçar o viés pelo qual cada editor/autor procurou ler e transmitir Álvaro de Campos. E, curiosamente, é essa diferença de vieses que possibilita uma compreensão distinta das obras e do autor, e é também por isso que os estudiosos pessoanos aqui citados debatem tanto acerca do método adequado de se apresentar as obras campestrianas.

#### 4. Conclusão

Graças ao problema das edições e sua pluralidade é que tanto se discute acerca da precisão com a qual é necessário editar Campos. É o embate entre filólogos e especialistas literários que permite que se enriqueça cada vez mais o cenário da filologia e da análise textual acerca desse heterônimo tão relevante na obra de Pessoa.

As edições críticas feitas pela Equipa Pessoa, consideradas então referências em critério de estudo e pesquisa, foram julgadas por uma autora tão grande em experiência ao estudar Fernando Pessoa e seus heterônimos que não foi nada menos do que excelente para que se enriquecesse o universo de conhecimento que se tem acerca de Campos. A crítica de Teresa Rita Lopes foi imprescindível para que percebessem os editores da Equipa Pessoa que há equívocos no método crítico que aplicam, como por exemplo o fato de intervirem “cirurgicamente”, como diz literalmente, nos poemas feito fossem objetos individuais, e diz também que pouco se leu efetivamente de Campos para montar a edição crítica. Ivo Castro disse, em determinado momento nas edições, que não é necessário que se conheça de Pessoa para editar Pessoa, o que seria preferível para que houvesse objetividade científica<sup>4</sup>. No entanto a primeira edição crítica da Equipa Pessoa mostra justamente que isso não se cumpriu: os critérios para compreensão de alguns poemas ou de certas caligrafias que davam espaço para leituras dúbias não foram bem definidos devido ao não conhecimento da essência de Campos, coisa que Teresa Rita Lopes critica a partir de sua experiência acadêmica como especialista pessoana. Também a edição crítica não aponta variações ou rasuras feitas originalmente nos testemunhos, o que já limita bastante a leitura dos testemunhos como algo parcialmente interferido por sua edição.

Curiosamente, então, foi uma leitora voraz e conhecedora especialista

---

4- CASTRO, Ivo. Editar Pessoa. Edição Crítica de Fernando Pessoa: Estudos. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1990.

de Campos, que não se reconhece como filóloga, que confronta de forma pertinente e dirigida os problemas em técnica e percepção de obra por parte da Equipa Pessoa. Amparada numa familiaridade impressionante com o autor e suas produções Lopes pode indicar a necessidade que o filólogo tem de conhecer, acima das obras, o autor, seus trajetos pessoais e de produção, sugerindo que só assim uma crítica efetiva poderia existir.

É apenas na edição crítica de Pizarro e Cardiello que pode-se, finalmente, encontrar um ponto de partida que não fere gravemente nenhum dos dois extremos que são a Equipa Pessoa e Teresa Rita Lopes. Por Pizarro ter sido aluno de Teresa Lopes e coordenando de Ivo Castro que parece ter não tomado qualquer um dos lados quase antagônicos no método em que segue, e sim buscar um caminho comum no qual agrega a precisão da edição crítica e a sensibilidade para com o autor, essa imprescindível para uma aplicação dos aparatos necessários sem deturpar, sobrepujar, delimitar ou reduzir o autor e sua obra. Dessa forma, essa mais recente edição crítica parece ser a mais direta em método, especialmente minuciosa quanto ao aparato, trazendo um Álvaro de Campos menos enclausurado em recortes editoriais e mais um Álvaro de Campos como autor, artista, e principalmente, pessoa.

# Presença

fôlha de arte e crítica  
coimbra, julho, 1933

## Tabacaria

Não sou nada.  
Nunca serrei nada.  
Não posso querer ser nada.  
Aparte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,  
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém  
sabe quem é

(E se soubessem quem é, o que saberiam?),  
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente  
por gente,

Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,  
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,  
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,  
Com a morte a pôr humidade nas paredes e cabelos brancos  
nos homens,

Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de  
nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.

Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,  
E não tivesse mais irmandade com as coisas

Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da  
rua

A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apita-  
da

De dentro da minha cabeça,  
E uma sacudida dos meus nervos e um ranger de ossos  
na ida,

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.

Estou hoje dividido entre a lealdade que devo  
A Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,  
E a sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Falhei em tudo.

Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.

A aprendizagem que me deram,

Desci dela pela janela das traseiras da casa.

Fui até ao campo com grandes propósitos.

Mas lá encontrei só ervas e árvores,

E quando havia gente era igual à outra.

Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei-de  
pensar?

Que sei eu do que serrei, eu que não sei o que sou?

Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!

E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode  
haver tantos!

Génio? Neste momento

Cem mil cérebros se concebem em sonho génios como eu,

E a história não marcada, quem sabe?, nem um,

Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.

Não, não creio em mim.

Em todos os manicômios há doidos malucos com tantas cer-  
tezas!

Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou  
mentos certo?

Não, nem em mim...

Em quantas mansardas e não-mansardas do mundo

Não estão nesta hora génios-para-si-mesmos sonhando?

Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas —

Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas —,

E quem sabe se realizáveis,

Nunca verfo a luz do sol real nem acharão ouvidos de gente?

O mundo é para quem nasce para o conquistar

E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que  
tenha razão.

Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.

Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do  
que Cristo.

Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.

Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,

Ainda que não more nela;

Serei sempre o que não nasceu para isso;

Serei sempre só o que tinha qualidades;

Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé  
de uma parede sem porta,

E cantou a cantiga do Infinito numa caxeira,

E ouviu a voz de Deus num póço tapado.

Crer em mim? Não, nem em nada.

Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente

O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo,

E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.

Escravos cardíacos das estrélas,

Conquistámos todo o mundo antes de nos levantar da cama;

10  
3  
18  
ano sétimo

39

volume segundo

Mas acordámos e ele é opaco,  
Levantamo-nos e ele é alheio,  
Sáimos de casa e ele é a terra inteira,  
Mas o sistema solar e a Via Láctea e o Indefnido.

(Come chocolates, pequena;  
Come chocolates)  
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.  
Olha que as religiões tôdas não ensinam mais que a confeitaria.  
Come, pequena suja, come!  
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que  
comes!  
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de fôlha  
de estanho,  
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei  
A caligrafia rápida destes versos,  
Pórtico partido para o impossível.  
Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprêso sem  
lágrimas,  
Nobre ao menos no gesto largo com que atiro  
A roupa suja que sou, sem pra o decurso das coisas,  
E fico em casa sem camisa.

(Tu, que consolas, que não existes e por isso consolas,  
Ou deusa grega, concebida como estátua que fôsse viva,  
Ou patricia romana, impossivelmente nobre e nefasta,  
Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,  
Ou marquesa do século dezoito, decotada e longinqua,  
Ou cocotte célebre do tempo dos nossos pais,  
Ou não sei quê moderno — não concebo bem o quê —,  
Tudo isso, seja o que fôr, que sejas, se pode inspirar que inspire!  
Meu coração é um balde despejado.  
Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco  
A mim mesmo e não encontro nada.  
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.  
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,  
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,  
Vejo os cães que também existem,  
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degrêdo,  
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)

Vivi, estudei, amei, e até cri,  
E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu.  
Olho a cada um os andrôjos e as chagas e a mentira,  
E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem amasses  
nem crescesse  
(Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem fazer  
nada disso?)  
Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem  
cortam o rabo  
E que é rabo para a quem do lagarto remexidamente.

Fiz de mim o que não soube,  
E o que podia fazer de mim não o fiz.  
O dominó que vesti era errado.  
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e  
perdi-me.

Quando quis tirar a máscara,  
Estava pegada à cara.  
Quando a tirei e me vi ao espelho,  
Já tinha envelhecido.  
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha  
tirado.

Deitei fora a máscara e dormi no vestidário  
Como um cão tolerado pela gerência  
Por ser inofensivo  
E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Essência musical dos meus versos inteiros,  
Quem me dera encontrar-te como coisa que eu fizesse,  
E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,  
Calcando aos pés a consciência de estar existindo,  
Como um tapete em que um bêbado tropeça  
Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.

Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.  
Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada  
E com o desconforto da alma mal-entendendo.  
Ele morrerá e eu morrerei.  
Ele deixará a tableta, eu deixarei versos.  
A certa altura morrerá a tableta também, e os versos tam-  
bém.  
Depois de certa altura morrerá a rua onde estive a tableta, e  
a língua em que foram escritos os versos.  
Morrerá depois o planeta gigante em que tudo isto se deu.  
Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como  
gente  
Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo  
de coisas como tabletas,  
Sempre uma coisa defronte da outra,  
Sempre uma coisa tão inútil como a outra,  
Sempre o impossível tão estúpido como o real,  
Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mis-  
tério da superfície,  
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem  
outra.

Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?),  
E a realidade plausível cai de repente em clima de mim.  
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,  
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrá-  
rio.

Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los  
E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.  
Sigo o fumo como a uma rota própria,  
E gozo, num momento sensitivo e competente,  
A libertação de tôdas as especulações  
E a consciência de que a metafísica é uma consequência de  
estar mal disposto.

Depois deito-me para trás na cadeira  
E continuo fumando.  
Enquanto o Destino me conceder, continuarei fumando.

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira  
Talvez fôsse feliz.)  
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.

O homem saiu da Tabacaria (metendo trôco na algibeira  
das calças?).  
Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.  
(O Dono da Tabacaria chegou à porta.)  
Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.  
Acenou-me adeus, gritei-lhe *Adeus ó Esteves!*, e o universo  
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da  
Tabacaria sorriu.

LISBOA, 15 DE JANEIRO DE 1928.

ALVARO DE CAMPOS

Anexos 1 e 2: testemunho referente à publicação de *Tabacaria* na revista  
*Presença* nº39 (p. 1 e 2)

4  
 Essencia musical dos meus versos inúteis,  
 Quem me deu encontrar-te como coisa que eu fizesse,  
 E não ficasse sempre de frente da tabacaria de de frente  
 Calcando os pés <sup>na calçada</sup> ~~no chão~~ de estar existindo  
 Como um tapete em que um bebado tropeça  
 Ou um capacho que os cigarras roubam e não vale nada.

Marcha da Derrota.

Tabacaria

15-1-1928

x 236-257

1 Não sou nada.  
 Nunca serei nada.  
 Não posso querer ser nada.  
 À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,  
 Do meu quarto de um dos milhões domo que ninguém sabe  
 quem é,  
 (E se soubessem quem é, <sup>o que</sup> saberiam mais que é?)  
 Desse para o mysterio de uma rua cruzada constantemente  
 por gente,  
 Para umaria inacessível a todos os pensamentos,  
 Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,  
 Com o mysterio das coisas por baixo das pedras e dos seres,  
 Com a morte a pôr humidade nas paredes e ~~sabão~~ sabões brancos  
 nos homens,  
 Com o destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada da  
 nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.  
 Estou hoje lucido, como se estivesse para morrer,  
 E não tivesse mais irmandade com as coisas.  
 Senão uma despedida, tornando esta casa e este ledo da rua  
 A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada  
 De dentro da minha cabeça,  
 E uma sacudidella dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.  
 Estou hoje dividido entre alealdade que devo  
 À tabacaria do outro ledo da rua, como coisa real por fora,  
 E a sensação de que tudo é sonho, como real por dentro.

Falhei em tudo.  
 Como não fiz proposito nenhum, talvez tudo fôsse nada.  
 A aprendizagem que me deram,  
 Desci q'ella pela janella das trazeiras da casa.  
 Fui até ao campo com grandes propósitos,  
 Mas lá encontro: só ervas e arbores,  
 E quando havia gente, ~~xxxxxx~~ era igual á outra.

Saio da janella, sento-me numa cadeira. Em que hei de pensar?

Anexo 3: Reprodução de um dos primeiros testemunhos datiloscritos de *Tabacaria* (p.1)

## Referências

- BORGES, Rosa. SOUZA, Arivaldo Sacramento de Souza; MATOS, Eduardo Silva Dantas de; ALMEIDA, Isabela Santos. *Edição de texto e crítica filológica*. 1ª edição. (S.L.) Editora Quarteto, 2012.
- CAMPOS, Álvaro de. *Livro de Versos*. Editado por Teresa Rita Lopes. 1ª edição. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- CAMPOS, Álvaro de. *Obra Completa - Álvaro de Campos*. Editado por Jerónimo Pizarro e Antonio Cardillo. 1ª edição. Lisboa: Tinta da China, 2014.
- CASTRO, Ivo. *Editar Pessoa*. Edição Crítica de Fernando Pessoa: Estudos. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1990.
- DUARTE, Luiz Fagundes. *Crítica Textual*. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 1997.
- MARTINS, F. C. Introdução ao Estudo de Fernando Pessoa. Cotia, SP: Ateliê Editora, 2017.
- PESSOA, Fernando. *Poemas de Álvaro de Campos*. Editado por Cleonice Berardinelli. Edição Crítica de Fernando Pessoa. Série Menor. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- RIBEIRO, Nuno. Um olhar sistemático sobre a obra de Fernando Pessoa. Todas as Musas, [s. l.], ano 09, n. 02, p. 251-254, Jan/Jun 2018. Disponível em: [https://www.todasasmusas.com.br/18Nuno\\_Ribeiro.pdf](https://www.todasasmusas.com.br/18Nuno_Ribeiro.pdf). Acesso em: 27 jun. 2021.
- SARAIVA, José Cabrita. Teresa Rita Lopes: ‘O Fernando Pessoa anda por aí todo deturpado’. Jornal Sol, Lisboa. Disponível em: <https://sol.sapo.pt/artigo/495860/teresa-rita-lobes-o-fernando-pessoa-anda-por-ai-todo-deturpado>. Acesso em 03/12/2017.